

DINAMICAS

MAGAZINE DE DESIGN DE PRODUTO

3

NÚMERO
• JANEIRO 2015 •

DINÁMICAS

MAGAZINE DE DESIGN DE PRODUTO

DINÁMICAS I MAGAZINE DE DESIGN DE PRODUTO

PUBLICAÇÃO ANUAL

COORDENAÇÃO: ARTUR GONÇALVES, MICAELA REIS

COLABORAÇÃO NESTA EDIÇÃO

ALBERTO TEIXEIRA, ARTUR GONÇALVES, FÁTIMA FERNANDES, JOAQUIM FLORES, JORGE JESUS, JOSÉ ANTÓNIO FUNDO, LAURINDA BRANCO, MARIA DA LUZ ROSMANINHO, MARCO GINOULHIAC, MARIANA RÊGO, MARTA VARZIM, MICAELA REIS, PAOLO MARCOLIN, RUI ALEXANDRE, RUI TEIXEIRA, RUI PANELO, SARA ALMEIDA, SUSANA MILÃO, VERA SANTOS E OS ALUNOS ABEL MARTINS, ANA SANTOS, ANA RITA FERREIRA, ANA RITA FONSECA, ANA SOFIA COSTA, ANA MARTA SILVA, BRUNA TEIXEIRA, DÉBORA SILVA, FÁBIO MOTA, GONÇALO SILVA, INÊS RAMALHÃO, INÊS SILVA, JOANA RIBEIRO, LUNA FONSECA, MARIANA ALVES, MARIANA CARDOSO, MARTA FREITAS, NUNO MENDES, NUNO SARMENTO, PATRÍCIA CARVALHO, RAQUEL SILVA, ROSANA SOUSA, SOFIA VIEIRA, TOMÁS ALMEIDA, .

PRODUÇÃO GRÁFICA/ EDIÇÃO DIGITAL: MICAELA REIS

CONTATO EDITORIAL: dinamicas@essr.net

PROPRIEDADE:

ESCOLA ARTÍSTICA DE SOARES DOS REIS

RUA MAJOR DAVID MAGNO, 139 | 4000-191 PORTO

TEL. +351 22 537 10 10

PROJETOS PARA A ZONA DAS FONTAINHAS NO PORTO.

DESAFIOS E CONTRIBUTOS DO ENSINO DA ARQUITETURA PARA A QUALIFICAÇÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

“Saber ver a arquitetura”¹, será, talvez, o primeiro passo e requisito essencial para saber fazer projetos de arquitetura e, em última análise, para saber concretizá-los. Três saberes sobre e para a arquitetura que exigem um método de ensino estruturado; um método que, para além da observação e compreensão do espaço, da realização de exercícios de projeto, impõe uma reflexão, periódica e atenta, sobre os resultados que decorrem da sua aplicação. Em linha com este entendimento, o Mestrado Integrado em Arquitetura (MIA) da Escola Superior Artística do Porto (ESAP) tem vindo a realizar com maior frequência exposições sobre trabalhos desenvolvidos pelos discentes no âmbito das disciplinas de projeto, a última das quais, a Coletiva,

realizada em setembro de 2014 e publicada com o apoio do Departamento de Arquitetura. Esta exposição sintetiza o percurso projetual do MIA, que se inicia com a elaboração de exercícios mais abstratos, introduzindo a problemática do espaço arquitetónico e do lugar numa estreita articulação com a disciplina de Desenho; prossegue gradualmente para o desenvolvimento de temas e programas sobre a habitação, os equipamentos e o desenho urbano; e acaba com a concepção de projetos finais de maior complexidade programática e conceptual, onde se exige a aplicação e integração estruturada dos saberes adquiridos e amadurecidos ao longo dos anteriores anos curriculares. Neste percurso proporcionam-se desafios e, ao mesmo

¹ Zevi, B., (1996), Saber ver a Arquitetura, 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes.

tempo, oportunidades para discentes e docentes se confrontarem com as questões da transformação urbana, e do projeto de arquitetura como principal instrumento de intervenção e de qualificação do tecido urbano, produzindo soluções que, além de constituírem etapas fundamentais no processo de aprendizagem, procuram contribuir para enriquecer o debate e a reflexão sobre a maneira de entender a cidade contemporânea e o papel da arquitetura. De entre os desafios de projeto lançados

neste dois últimos anos letivos destacam-se os que incidiram na Zona das Fontainhas, um território urbano que se distingue pelas suas características físicas, como sejam a geomorfologia da escarpa e a suas diversas situações panorâmicas, e pela persistência de carências estruturais que se prendem com a falta de acessibilidades, infraestruturas e espaços públicos qualificados, e com a necessidade de uma ação mais consistente em matéria de habitação.



Fotografia aérea da Zona das Fontainhas, Fonte: Google Earth 2007.

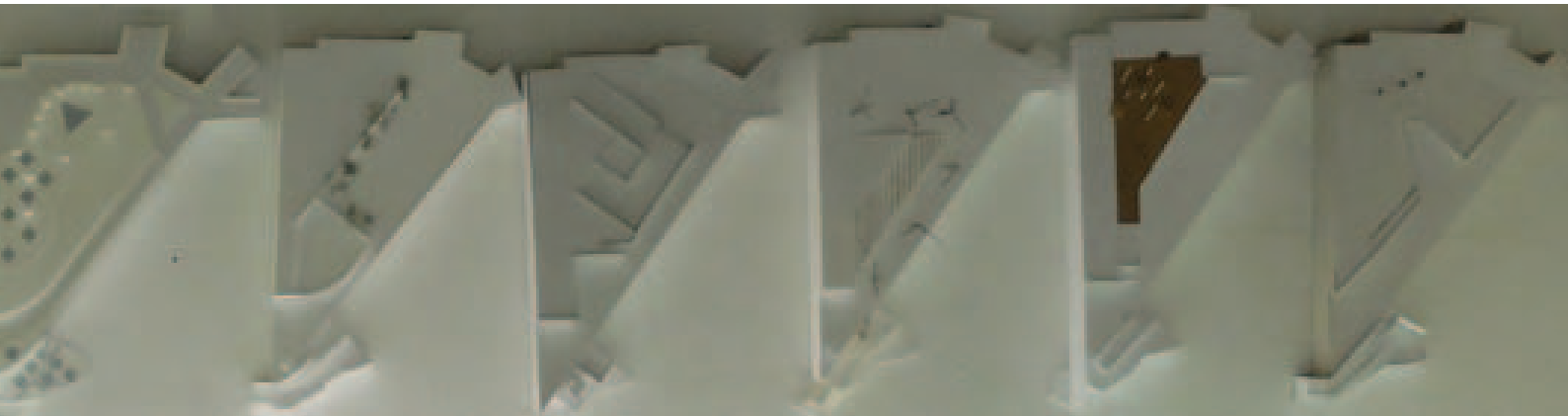


Fotografia das maquetes de projeto do Largo Baltazar Guedes.

De facto, apesar de ter sido alvo de várias propostas, a última das quais o projeto para a requalificação da Avenida Gustavo Eiffel na marginal entre as pontes D. Luiz I e D. Maria Pia, da autoria do Arquiteto Manuel Fernandes de Sá, que prevê a passagem de uma ciclovia e a criação de varandas para uma melhor fruição da paisagem ribeirinha, esta zona continua a necessitar de uma intervenção de regeneração e de reabilitação urbana mais profunda e abrangente, que permita criar condições para uma efetiva utilização e habitabilidade dos seus espaços. Assim sendo, e aproveitando ainda das informações de diversos estudos realizados na ESAP ao longo dos últimos anos sobre esta zona, nomeadamente os que privilegiaram um enfoque de

caráter sociocultural e espacial, desenvolvidos nas áreas disciplinares da Antropologia, Sociologia e Desenho, os discentes do segundo e quinto ano do MIA foram convidados a desenvolver, individualmente, propostas de projeto de escalas e complexidade programática distintas.

No âmbito do segundo ano, as propostas de projeto centraram-se na requalificação do espaço público Largo Baltazar Guedes, vulgarmente designado por Largo Colégio dos Órfãos, e na criação de um Conjunto Habitacional para a Comunidade Salesiana que, atualmente, tem as suas instalações escolares no Largo Padre Baltazar Guedes. Em relação ao Largo Baltazar



Guedes, partiu-se do princípio de que, para assegurar a sua melhor integração na cidade, este espaço público assumiria um carácter de utilização pedonal e de lazer, tendo como premissas fundamentais o estabelecimento da ligação pedonal à ponte D. Maria e Fontainhas, e o acesso pontual automóvel (cargas/descargas, emergência, mobilidade condicionada, etc.) ao cemitério e à zona desportiva do Colégio dos Salesianos. Outro aspeto relacionado com o programa, foi a colocação de um pavilhão/escultura, da autoria de Dan Graham, associado à área de permanência do Largo. A proposta arquitetónica havia de procurar estabelecer relações com o edificado e a comunidade local, bem como a valorização das relações visuais com a paisagem

(distante). Quanto ao Conjunto Habitacional, definiu-se como fundamento e princípio de projeto integrar o construído e o não construído. Nesse sentido, o habitar havia de ser projetado tendo em consideração a relação entre interior e exterior (colectivo ao individual), nas suas diferentes gradações, e na correspondente definição e hierarquização do espaço exterior. Assim, a área de intervenção situada no terreno com frente para o Largo Padre Baltazar Guedes, confrontante a Poente com a Rua Gomes Freire, a Nascente com o Colégio dos Salesianos e a sul com a escarpa do Rio Douro, deveria assegurar a relação física entre as duas plataformas existente à cota do Largo, definindo a “entrada pública” e o acesso interior do terreno na conjugação com um equipamento

de apoio ao conjunto habitacional e área envolvente, constituído por balneários e lavadouros públicos. Das premissas conceptuais e programáticas destes desafios resultaram experiências distintas, sobretudo na maneira de organizar formas e materialidades ordenadoras do espaço urbano, mas unanimemente preocupadas com a questão das relações entre as partes e a paisagem, perseguindo o mais possível um sistema de equilíbrio entre a afirmação plástica e identitária dos elementos arquitetónicos, e o resultado global do projeto, restituindo deste modo um contributo que, de certo modo, reitera a importância da arquitetura do espaço urbano.

Já no que respeita ao quinto ano e último ano do MIA, as propostas dos discentes no âmbito da unidade curricular de Trabalho de Projeto, ainda em fase de elaboração, preveem dois programas distintos. Um deles prende-se com a realização de um projeto para um Centro de Produção de Arte e Ofícios, a localizar numa área próxima da Praça da Batalha, caracterizada por um intenso movimento, tanto pedonal como rodoviário, que abrange a Encosta dos Guindais e o Terminal Rodoviário do Parque das Camélias. Trata-se, neste caso, de implantar um edifício de carácter multifuncional que deverá constituir-se não só como uma alternativa às tipologias mais tradicionais dos equipamentos de

índole cultural, mas também como oportunidade para a extensão social e espacial da cidade através da inserção de um novo nível de interatividade entre funções artísticas que desempenham um papel fundamental para o desenvolvimento das práticas culturais e das interseções sociais. As condições básicas para a organização arquitetónica deste edifício impõem a distinção de três blocos de espaços para diferentes tipos de funcionalidades e utilizadores: um destinado ao público em geral, que reúne funções de recepção, comércio, restauração, lazer, exposição, educação e formação; outro para a recepção dos funcionários e os serviços auxiliares relativos aos escritórios e às indústrias criativas; e outro ainda, estritamente limitado a pessoal autorizado, especificamente concebido para a recepção, preparação e armazenamento das obras de arte. A formalização do espaço arquitetónico do edifício será ainda pretexto para uma operação de reconversão funcional do referido terminal rodoviário e para a inserção de espaços públicos qualificados em articulação com as intervenções de qualificação urbana desenvolvidas no âmbito da iniciativa Porto 2001.

O outro programa tem a ver com a Reabilitação Urbana da Escarpa das Fontainhas, e deverá ser desenvolvido a uma escala de maior abrangência espacial,

compreendendo a totalidade da encosta escarpada situada junto à margem do Rio Douro entre as Pontes de D. Luís I e de D. Maria, com vista a desencadear uma reflexão sobre a vocação desta área no contexto global da cidade. Tal implicará percebê-la nas suas diversas dimensões (física, social, estética, funcional, etc.) e integrá-la nas diversas escalas da abordagem ao projeto de escala intermédia. Neste caso, o principal

desafio lançado aos discentes é o de entender o valor que a escarpa tem hoje em dia no contexto geral da cidade, e no contexto específico da frente ribeirinha que brevemente será requalificada neste troço entre as duas pontes representativas da tecnologia construtiva do ferro no Porto. A complexidade deste desafio deverá estimular o desenvolvimento do conceito e a descoberta da solução projetual.



Extrato da «Planta Redonda» de George Balck, 1813.

Recorrendo à cartografia histórica do Porto, é possível observar que a topografia de declive rochoso acentuado sempre condicionou a fixação humana nesta área, permanecendo como elemento natural no exterior da muralha Fernandina junto à Porta do Sol. A construção que gradualmente foi aparecendo ocupa as zonas mais favoráveis à sua implantação, rarefazendo-se e adquirindo uma condição progressivamente precária, física e socialmente, conforme nos aproximamos das áreas mais rochosas e de topografia mais difícil.

Condicionantes e eventos de vária natureza conduziram a que esta área tenha permanecido como mais um “vazio urbano” na cidade do Porto. Contudo, apesar da evidente degradação e dos problemas de exclusão social, a sua visibilidade, bem como a imagem predominante dos afloramentos rochosos, conferem-lhe um valor cénico, transformando-a naquilo a que Manuel de Solà-Morales apelidou de *Terrain Vague*², o que nos leva a concluir que qualquer projeto para este local terá de lidar com esta dualidade, tentando resolver os diversos problemas urbanos identificados, mas sem lhe retirar este estatuto, já adquirido, de elemento fortemente marcante da paisagem urbana.

Os resultados de todos estes desafios, juntamente com os do segundo ano, contribuirão para configurar uma nova e ulterior perspectiva projetual, diversificada e multiescalar. A reflexão, a partir desta perspectiva surgirá, no entanto, não só da leitura e da apresentação da organização projetada do espaço físico, mas também e sobretudo do confronto desta organização com a “clareza social e espacial da cidade tradicional”³ enquanto referência incontornável no processo de construção do ambiente urbano da contemporaneidade.

² Solà-Morales, I., (2002), Territórios. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

³ Davies, C., (2011), Thinking about Architecture. An Introduction to Architectural Theory, London: Laurence King Publishing Ltd.



Escarpa das Fontainhas e ramais ferroviários da Alfândega e de São Bento, Fonte: Nuno Mourão, 2010.

Paolo Marcolin | Arquiteto, Docente do MIA e Diretor do Departamento de Arquitetura - ESAP

Susana Milão | Arquiteta, Docente do MIA - ESAP

Fátima Fernandes | Arquiteta, Docente do MIA e Diretora do MIA- ESAP

Joaquim Flores | Arquiteto, Docente do MIA - ESAP